

DO OUTRO LADO

ORESTES

JAIME PRADO GOUVEA

2º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

A aposentadoria de Mateus já não agüentava aquela casa, de pouco confôrto, umas mobílias feias, êle tinha de mudá-las. Queria, mais que tudo, preparar um ambiente de acôrdo com os dias que vinham chegando, para o descanso e a dignidade, um fim decente. Era como se atormentava, no cuidado minucioso de arquitetar possibilidades e mudanças, não muito exageradas, procurando conciliar passado e conclusão, a casa como o único legado. Um pouco de fantasia, evitava os móveis que lembrassem a repartição, jogava ao lixo aquêle tempo com a folhinha, os últimos meses riscados de contar. Se fechava em casa, preocupado em reparar todos os ângulos, o que esconder ou realçar. Pensava numa estante bem grande para cobrir o mofado na parede da sala, ou uma pintura, a côr escolhida, grave, de se impôr a quem entrasse, forçar respeito. Imaginava os amigos parados ali na porta, com a intimidade freiada, descobrindo a idade dêle. Isso era importante: lembrassem inclusive das opiniões que deram sôbre a decoração, as revistas emprestadas sugerindo falsidades caras e inoportunas. Nunca entenderiam Mateus, enciumado nas próprias idéias, se rebuscando, querendo se incorporar nas gavetas, nas cortinas, a casa e êle como um só corpo. Sabia disto, nem se importava mais em explicar. Só existia essa tarefa, íntima, última.

A casa, velha, carecia de algumas instalações mais modernas, goteiras que bem poderiam estragar os móveis. Isso, mesquinhas, êle chamaria o bombeiro. A casa se diminuía nestes casos. Talvez o importante mesmo fôsse só a sala, de imaginação a cabeça, como êle, essências. Os outros cômodos eram as bobagens da vida, no fim ninguém repararia nêles. Um grande tapête sustentava a mesa, espalhava marron a luz no chão. As lâmpadas indiretas coloriam sobriedade em voltas cruzadas, faziam uma cristazinha branca na lombada dos livros, contornavam, morninhas, o suporte da bíblia, dourada, de pé ao lado do piano. A sala flutuava em tufos, veludos sérios. Mateus, sentado num banquinho, cuidando os pés de não sujar o arrumado, notava a súbita feiura de seu suéter velho. Planejava outras roupas, naquele molde, gola e punho em pele, esbarrava êste sonho no empréstimo do Banco. Desprezava essa lembrança: coisa lá de fora, como o bombeiro, a gente tôda. Mateus se sumia nos intervalos, esticado na cama, a obra seria lenta. Contava com a proteção do grande Cristo sôbre o criado, busto de bom talho, impondo a fé chorada das velas no castiçal. Os mosquitos eternizavam uma sujeita pingada na cabeça da imagem, na falta de tempo para limpá-la de vez em quando. Mateus tentava fechar os olhos, entre inventar tantas molduras, até desaparecer provisório no sono pouco a pouco pacificado. Uma hora o bombeiro gritou lá de baixo que precisava abrir o sótão, um cano qualquer que estivesse jogado por lá.

O sótão era tecido por umas aranhas tão antigas como tudo. De Mateus teria até lembranças de menino, encaixotadas durante a vida. Êle sentia um pouco o mêdo de achar algum retrato da família, os irmãos vestidos de marinheiro, crescendo e morrendo. Deixou que o bombeiro mesmo revirasse o material. Ficava com a lanterna. A curiosidade mal contida via na poeira as coisas esquecidas, Logo, os olhos acostutados, o facho da luz se amorteceu na rêstiazinha que furava o quebrado da janela. Devia ter sido pedrada, os moleques que brincavam do outro lado fazendo tanto barulho. E daquele vidro, côr de vinho, não existia mais. Forçou o resto para fora. Mais tarde

mandaria limpar o sótão, colocar uma vidraça nova, maior, que desse uma claridade mais eficiente. Os cacos foram cair gritando no muro do vizinho. A precaução da idade, Mateus conhecia êsse perigo. Enfiou meio rosto para fora da janela, evitando se cortar nos restos. Por sorte não tinham caído na menina dêles, brincando logo ali, meio assustada olhando o perfil de Mateus, sem entender. Sua respiração mudou a forma de ofegar, não podia tirar os olhos dela. Segurava com força a beirada vazia, aquilo não o deixava perceber um fio de sangue escorrendo pelos dedos. Até que ela disparou tropeçando para a porta da cozinha. Mudava tudo, aquela velhice. Quando começou a doer levemente a ferida entrando pela mão, junto com um suor mole que há muito deixara de sentir. Desceu escondendo o sangue do bombeiro. Se envergonhava. O outro nem percebia, indo satisfeito como pedaço de cano achado, exatamente do tamanho, ferro bom. Se separaram, enfim, para as ocupações tão diferentes. Depois, um pouco de mercúrio no machucado, tentaria reatar o sono, misturar os pesadelos.

Passou a ter uma idéia freqüente de tapar a janela. Instalaria ali lâmpadas fortes, a melhor maneira de lavar a visão da menina incomodando a sua velhice. Evitou o sótão por algum tempo, não querendo que chegasse a hora de dizer aos pedreiros como fazer. Passava muito tempo com os livros na sala, lia pedaços de Bíblia. A tentação se continha nessas leituras, de fé conquistada, com alma de limpar o Cristo no quarto, até que viesse o descanso na tardinha para ficar na varanda vendo o dia escurecer. Já sabia de cor os jardins da vizinhança, o portão da casa da menina. Para êste aprendeu um olhar rápido, se auto-desculpando, imaginava um namôro meio escondido ali, as maldades conhecidas. Ela teria nem doze anos, media pelo tamaninho dos seios apenas apontados. E escorregava seus propósitos assim, aos retalhos. Entre as leituras, cada vez mais difíceis, ela aparecia sempre tomando as personagens, no nome mais de acôrdo, a mania do ambiente. Largados pouco a pouco, os livros pegavam uma poeira chegando de mansinho. Culpava os óculos, já nem o rádio podia prendê-lo por muito tempo.

A janelinha do sótão, voltou lá um dia. Mateus se preocupava em acabar com aquilo, queria tirar a prova, o contrarremédio. Lembrou a regra de superar cismas, as atitudes. Chegou determinado cuidadoso o rosto pela janela, esquadrihando onde estaria a menina. Não estava no quintal. Mateus pulsava decepção. Acabava um pouco dela ali mesmo, e ele sentiu, livre, que não queria mais esquecê-la. Apertava os olhos nas lentes, tentando ver através das cortinas. A casa estava muito fechada. Apenas algumas galinhas ciscavam lá nos fundos, aumentavam o silêncio. Mateus roía o vazio. Restava ficar olhando por sôbre o muro, os cacos tinham sido varridos, completamente.

Esqueceu o projeto, não queria partilhar o segrêdo com nenhum pedreiro. Era a distração furtiva, criança quase, até a paisagem tinha seu bizarro. Ele já não cabia na sala atape-tada. Ficava no sótão a tarde tôda, deixando sempre um caixote estrategicamente desarrumado para as visitas inesperadas. Depois ajeitava um banquinho meio de lado da janela, num ponto que ninguém de fora pudesse divisá-lo, protegido pela sombra e pelo abacateiro da casa dela. Vez por outra a menina aparecia no quintal, sem brincar, Mateus se encantava de que não era tão criança assim. Ficava reparando o caminhar, a saia curtinha, ora de calça comprida, os seios querendo nascer, o requinte. Respirava lento, não perderia êsses movimentos. Até que ela voltasse para dentro, fôsse passear na rua. Então ia para o seu quarto, ia limpar feliz seu Cristo sôbre o criado.

A vida, agora, já não tinha mais tempo de pensar na morte. Se demorava no banho, como seria ela nua? o sabão descendo pelo corpo se perdendo no ladrilho. O cuidado maior de aparar o bigodinho, vestir a camisa mais limpa. Depois era esperar que ela voltasse ao quintal, dêle, na melhor forma que ninguém podia. Quando não, ficava rodando pela sala, planejava onde poderia abrir novas janelas, periscópios, um vidro daqueles que é espelho de um lado e transparente de outro. Censurava os excessos, a menina se mantinha pura durante o remorso. Um dia foi a mãe dela quem veio. Mateus se encolheu no esconde-rijo, ela vinha para descobrí-lo. Ficou um tempo retido.

A mulher arrumou um lençol no varal, olhou de nôvo na direção da janelinha. Sua menina nunca mais brincaria ali.

No dia seguinte vieram os pedreiros. Mateus escolheu uns quadros velhos para cobrir o rebôco, mesmo tendo certeza de que fecharia o sótão para sempre, logo terminasse o serviço. Sem mais nada a esconder, ia dando as ordens, queria que tudo acabasse logo. Acabou. Se ocupava de volta com o porte, de austero estilo, a sala o acolheu como antes, criados e crescidos juntos, mandou que fôssem espanados os livros. Se não agüentava, se lembrava, saía para a rua, ia visitar os colegas na repartição. Esmerava-se em conversar diferente dos tempos de trabalho, sabedor de ser mais velho, mais vivido, dava essa importância. Voltava para casa bem cansado, o sono não passaria da segunda página do jornal. Sentia certa facilidade, velho, de esquecer as coisas, confiava nisso. Aumentou as visitas, os amigos notaram. Uma puxava essa outra descoberta, na persistência, o caráter de Mateus. Firme como a casa. Por vêzes acontecia de cruzar com a menina na rua, cada um em sua idade, ela voltando do colégio indiferente dos cansaços dêle, no normal de tudo. Era só a vizinha, como o era a mãe, o sapateiro, o bairro inteiro. Talvez aquêle dia no quintal tivesse sido imaginação sua, lembrava a perfeição da trincheira. Resolveu. Ela veio pela rua andando muito depressa quando Mateus disse bom-dia, anônimos de tanto tempo, querendo ser o vizinho dela. A menina parou, um susto de instante. Depois correu para dentro de casa. Foi fácil de entender. Mateus retomou o ar mais sério. Já podia voltar para sua sala, os livros na estante cobrindo o môfo, a Bíblia contrastando com o piano.